

## CONJUNTURA

Redução da taxa básica de juros no país dependerá do comportamento do mercado interno. Alta internacional do petróleo pode obrigar Petrobras a elevar preço dos combustíveis, pressionando a inflação

# Decisão tem pouco efeito no Brasil

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**A**inda que vários analistas tenham comemorado e o mercado financeiro mergulhado em um clima de euforia, nada garante que a redução de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros dos Estados Unidos facilitará o trabalho do Banco Central brasileiro na condução da política monetária do país. Mais do que o cenário externo, bastante conturbado depois do estouro da bolha imobiliária americana no início de agosto, os fatores que pesarão na definição dos juros no Brasil serão a força do consumo e os rumos da inflação, cujas estimativas para este ano e para 2008 estão próximas dos 4,5%, o centro da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

"Se realmente o corte dos juros realizado pelo Federal Reserve (Fed), o banco central dos EUA, conseguir reverter o pessimismo que se alastrou mundo afora, o BC brasileiro eliminará um dos focos de pressão sobre a taxa básica (Selic). Mas, em compensação, terá de lidar com outro, o petróleo, que ontem registrou novo recorde, ao ser cotado a US\$ 82,38 o barril", disse o analista Eduardo Roche, do Banco Modal. Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), quando a Selic recuou 0,25 ponto, o petróleo era a única variável que havia melhorado nos balanços de riscos analisados pelos diretores do BC. Agora, tornou-se um problema sério, pois, caso o barril se sustente acima dos US\$ 80, em algum momento, a Petrobras terá de aumentar os preços da gasolina e do diesel, alimentando índices de inflação já preocupantes.

Os que defendem o argumento de que a decisão do Fed avalia pelo menos mais um corte de

0,25 ponto percentual da Selic em outubro alegam que o alargamento do diferencial de juros entre o país e os Estados Unidos estimulará uma volta maciça de dólares de curto prazo para o país, por meio das indesejadas operações de carry trade. Ou seja, os investidores vão se entusiasmar em tomar dinheiro emprestado lá fora para aplicar no Brasil e lucrar com as taxas mais elevadas aqui. Com isso, os preços do dólar desabariam novamente — ontem, recuaram mais de 2% — aproximando-se dos R\$ 1,80.

### Dados defasados

Em relatório sobre a economia brasileira divulgado ontem, o Fundo Monetário Internacional (FMI) destacou ver espaços para mais cortes de juros no Brasil. É importante ressaltar, porém, que o documento foi preparado pela diretoria executiva da instituição com dados coletados até 30 de julho, antes, portanto,

do estouro da bolha imobiliária dos Estados Unidos, que provocou perdas em todo o mundo. O FMI também não levou em consideração a disparada das taxas de inflação, sobretudo no atacado, que, em 12 meses, já se situam entre 4,5% e 5%. Na estimativa do organismo, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado como referência para o sistema de metas, fechará 2007 em 3,5%.

No geral, o cenário traçado pelo FMI para a economia brasileira foi bastante positivo. A projeção é de que o Produto Interno Bruto (PIB) cresça 4,5%, impulsionado pela demanda interna. A instituição destacou, porém, que os grandes desafios do Brasil continuam sendo a ampliação da taxa de crescimento e a sua sustentabilidade. Para superá-los, será preciso cortar os gastos públicos e, por tabela, ampliar os investimentos em infra-estrutura.

US\$ 82,38

foi a cotação do petróleo ontem no mercado internacional

### ANÁLISE DA NOTÍCIA

#### Riscos da recessão

A decisão do Federal Reserve é um alerta para o Brasil. O corte de 0,5 ponto percentual na taxa de juros dos Estados Unidos sinaliza que há um temor concreto de desaceleração acentuada da produção e, principalmente, do consumo. A economia brasileira, que passou bem pela dimensão financeira da instabilidade dos mercados nas últimas semanas, pode ser afetada de forma muito mais dura por uma eventual recessão norte-americana.

As reservas acima de US\$ 160 bilhões, o câmbio flutuante e o superávit fiscal primário foram muros eficientes para impedir que chegassem até o país as ondas da turbulência nas bolsas de valores e redes de créditos internacionais, que derrubaram bancos e fundos de investimentos. Mas, pouco podem fazer para amenizar uma eventual redução de demanda internacional. O elevado nível de consumo dos Estados Unidos — de matérias primas a bens acabados —, são um sorvedouro de produtos fabricados no restante do mundo, inclusive no Brasil. (Raul Pilati)